



Quem somos?

● O Comité Operário Internacional contra a guerra e a exploração, pela Internacional Operária (COI) constituiu-se na Conferência Mundial de Mumbai (Índia) que juntou, entre os dias 19 e 21 de Novembro de 2016, delegados de 28 países.

● O COI constituiu-se com base no Manifesto de Mumbai contra a guerra, a exploração e o trabalho precário, manifesto que teve a adesão de militantes operários e responsáveis de organizações políticas e sindicais de 46 países (*)

● O Comité de Acompanhamento é composto por militantes operários de todas as tendências:

Innocent Assogba (Benim)
Alan Benjamin (Estados Unidos)
Colia Clarke (Estados Unidos)
Constantin Cretan (Roménia)
Berthony Dupont (Haiti)
Ney Ferreira (Brasil)
Daniel Gluckstein (França)
Rubina Jamil (Paquistão)
Apo Leung (China)
Gloria Gracida (México)
M. A. Patil (Índia)
Mandlenkosi Phangwa (Azânia)
Klaus Schüller (Alemanha)
Jung Sikhwa (Coreia)
John Sweeney (Grã-Bretanha)
Mark Vassilev (Rússia)
Nambiath Vasudevan (Índia)

(*) Afeganistão, Azânia, Alemanha, Argentina, Áustria, Bangladesh, Bélgica, Benim, Bielorrússia, Brasil, Burundi, Canadá, Chile, China, Coreia, Costa do Marfim, Equador, Estados Unidos, Filipinas, França, Grã-Bretanha, Grécia, Haiti, Hungria, Índia, Irlanda, Islândia, Itália, Mali, México, Paquistão, Peru, Portugal, República Checa, Roménia, Ruanda, Rússia, Senegal, Suécia, Suíça, Togo, Tunísia, Turquia, Ucrânia, Venezuela, Zimbábue.

RÚSSIA

Apesar da guerra, a resistência operária faz caminho

Apesar da repressão de toda e qualquer manifestação de protesto contra a guerra na Ucrânia, um correspondente nosso conta como é “*extremamente significativo que vários grupos de soldados se tenham recusado a ir para a Ucrânia. Na verdade, para um soldado alistado, recusar significa o despedimento imediato e definitivo do exército e possíveis consequências judiciais.*” Entre as recusas colectivas de soldados russos de ir para a Ucrânia registem-se a de doze membros da Guarda Russa de Krasnodar (1 de Março), de oitenta marinheiros de um regimento da Crimeia, de sessenta alistados de um regimento de Pskov, de onze membros das forças especiais do ministério do interior da República da Cacássia, de cinquenta e oito alistados de um regimento de Kaliningrado (29 de Março) e do essencial de um regimento da Ossétia do Sul (31 de Março). Muitos dos soldados alistados vêm das regiões mais pobres, onde o exército é o único empregador.

Milhares a gritar: “Que se lixe a guerra!”

Apesar da “patriótica” lavagem ao cérebro, a rejeição da guerra exprime-se logo que pode. No dia 20 de Maio, em São Petersburgo, milhares de jovens participavam num concerto do grupo de rock Kis-Kis. De repente, da multidão levantou-se um clamor, gritado e repetido por centenas, milhares de vozes: “*Que se lixe a guerra!*”

A guerra provocou uma crise sem precedentes no Partido Comunista, cujos dirigentes “*têm defendido uma posição chauvinista de apoio à guerra – sem que ninguém se admirasse*”. Um responsável regional do Komsomol (Juventude Comunista) esclarece: “*Na organização do PC da nossa cidade, todos os jovens, sem excepção, mas também algumas pessoas de idade madura e uma parte muito diminuta*

da direcção, são contra a guerra, defendendo posições marxistas. Já os membros mais velhos, os funcionários do partido e a quase totalidade dos dirigentes apoiam a guerra.”

Em Surgut (Sibéria Central), cinquenta e sete militantes do PC devolveram colectivamente o cartão, protestando “*contra as posições antipopulares e reaccionárias*” da direcção. A decisão foi tomada após um dis-

“Nós, homens do 3º Batalhão de Fuzileiros...”

Incrível – mas verdadeiro: um video que deu a volta pelos canais Telegram opostos à guerra. Frente a pelo menos 200 estudantes e operários em uniforme paramilitar alistados nas milícias pró-russas da República Popular de Donetsk (DNR) na Ucrânia, um homem lê, em nome de todos os alistados, uma missiva a Denis Puchilin, o chefe da DNR. Pede que todos os alistados sejam imediatamente desmobilizados. Interpela Puchilin: “*Ao contrário das suas declarações de que os reservistas mobilizados não participam nos combates, mas apenas na manutenção da ordem pública, nós, os homens do 3º Batalhão de Fuzileiros do 105º Regimento, fomos mandados combater em Mariupol desde 13 de Março de 2022. Ora, a maioria de nós, antes de sermos mobilizados, éramos estudantes ou trabalhadores de diferentes empresas e indústrias sem relação com o exército, e muitos de nós devíamos ter ficado isentos por razões médicas. Encontramo-nos esgotados física e moralmente e 60% dos efectivos já não estão em condições de combater.*”

Dos tribunais às salas de aula, das salas de concerto ao exército, ressoa o grito: “*Não à guerra!*”

curso de Nikolai Kolomeitsev, deputado e dirigente do PC, que exigira que Putin fizesse um bombardeamento intensivo da

capital da Ucrânia.

Na classe operária, a guerra e a propaganda patriótica do Kremlin não conseguiram impedir a eclosão de greves, apesar de as sanções estarem provocando aumentos de 20% dos preços dos produtos alimentares e uma vaga de despedimentos. Conta um militante que “em Novossibirsk, 200 trabalhadores da

sociedade de limpeza urbana Eko-Trans-N estão em greve contra a deterioração das condições de trabalho desde 19 de Abril de 2022. Em 9 de Maio, a assembleia geral decidiu constituir um sindicato. Dois dias depois, o sindicato foi registado. A 16 de Maio, o sindicato propôs a abertura de negociações.”

Outro militante informa que, na

fábrica de locomotivas de Kolomna, na região de Moscovo, “os trabalhadores acabam de eleger uma nova direcção sindical, escolhendo os novos dirigentes de entre os seus camaradas. O sindicato passou a lutar activamente contra a arbitrariedade patronal. A direcção da fábrica tentou intimidar os militantes com métodos policiais, mas não conseguiu.” ■

Com os nossos correspondentes

Recurso de Kiril Ukraintsev

Um militante que participa na campanha pela libertação do sindicalista Kiril Ukraintsev conta-nos como correu a audiência judicial em que participou, no tribunal de relação de Moscovo, no dia 23 de Maio.

Os advogados do responsável do sindicato *Kurier* (O Estafeta), o militante de esquerda Kiril Ukraintsev, interpuseram recurso contra a decisão do tribunal de sujeitá-lo a detenção preventiva. Os advogados recorreram da pena de prisão preventiva, pedindo a declaração de termo de residência enquanto aguarda processo.

Recorde-se que Kiril, que está em prisão preventiva até 25 de Junho, sujeita-se a uma pena de cinco anos de prisão por força do nº 1 do artigo 212^a do Código Penal, artigo ultra-repressivo e arbitrário que sanciona pretensas “*violações repetidas da legislação em matéria de aglomeração na via pública.*”

Ora, nós sabemos perfeitamente que a verdadeira razão do procedimento penal é muito diferente: o único “crime” do nosso camarada Kiril foi ter contribuído para a fundação do sindicato dos estafetas e a organização da luta vitoriosa destes trabalhadores pelos seus direitos.

Lembre-se que ele foi preso em casa, no dia 25 de Abril (dia do seu aniversário!), no pequeno andar alugado em que habita, sendo transferido para o presídio por dois meses, até ao dia 25 de Junho, por decisão

do tribunal Savelovsky.

Na audiência, os advogados arrazoaram da evidência de Ukraintsev ser um cidadão respeitável, não representando ameaça para ninguém, desfrutando de impecável reputação, comprometido com uma causa socialmente útil, a da protecção dos direitos dos trabalhadores. Não iria fugir para lado nenhum (originário de Novossibirsk, mudara-se para Moscovo em 2019). Nenhum destes argumentos produziu efeito quer na juíza Martynova quer no procurador. Nada os demoveu, nem sequer o facto de Kiril ter de tratar da mãe, gravemente doente de cancro e necessitada dos cuidados do filho. Os testemunhos abonatórios da moralidade de Kiril dados por Boris Kravchenko, presidente da Confederação do Trabalho da Rússia (KTR), e Oleg Shein, vice-presidente da KTR e membro da Duma regional de Astracã, foram admitidos pelo tribunal, mas não foram levados em linha de conta.

O tribunal ignorou até a avaliação do representante do Centro de Luta contra o Extremismo (a polícia política – NdR) de não haver risco de Kiril se meter em “*acções de carácter extremista*” caso lhe fosse dado termo de

residência.

Uns trinta militantes foram ao tribunal apoiar o nosso camarada, entre eles a militante dos direitos humanos Elena Rokhlina (filha do célebre general soviético Lev Rokhlin), o deputado do Partido Comunista à Duma Municipal de Moscovo Evgeny Stupin (um dos raros eleitos do PC que protestaram contra a guerra – NdR), Mikhail Lobanov, responsável do sindicato Solidariedade Universitária, da Universidade Estatal de Moscovo, colegas de Kiril, o correspondente da cadeia Stalingrado, Alexandre Evdokimov, os militantes do movimento *Rússia Trabalhadora* e da organização marxista *Novye Krasnye*.

Convém notar que Kiril, que tomou a palavra no processo falando por videoconferência do seu centro de detenção, se mostrou muito confiante, defendendo as suas posições de maneira lógica e clara. A juíza Martynova foi, no entanto, categórica: Kiril Ukraintsev fica em prisão preventiva até 25 de Junho.

Mas a luta continua: liberdade para Kiril Ukraintsev! Sindicalismo não é crime! ■

Correspondente